

Sobreviver, o milagre cotidiano

Wivaldo Barbosa



13) José, dona Lúcia e os sete filhos. O próximo nasce no mês de junho. Ele sustenta toda a família com 27 mil cruzeiros por mês

ZANONI ANTUNES

Repórter Especial

O que é ficar desempregada, abandonada pelo marido, quando se tem quatro filhos para cuidar e alimentar? O que é morar com essa mesma família num quarto que não tem janelas e que é um pouco maior do que a área de uma kombi? O que é passar todos os dias, todos os meses e todos os anos comendo só arroz e feijão?

Como é que se sustenta uma família de sete filhos, uma mulher grávida e um homem que não tem carteira assinada e ganha 27 mil cruzeiros por mês? Como uma família se sente quando é obrigada a morar cada vez mais longe, fugindo dos altos aluguéis e assistindo o seu padrão de vida desmoronar a cada dia que passa?

Essas indagações foram feitas a três famílias de baixa renda, mas com algumas diferenças entre si, pois moram em Ceilândia, Guariroba e Plano Piloto. Em comum, apenas a realidade as une, com a constatação que a barra está pesada

para todo mundo. No mais, não se nota neles qualquer ponto de revolta, apenas o sentimento generalizado de resignação.

O FUNDO

O ano de 1983 acaba de começar. Suas perspectivas são negras. Enquanto o país vai ao Fundo Monetário Internacional (FMI) tentar "rolar" a sua dívida externa, a crise em que estamos mergulhados já há algum tempo continua fazendo suas vítimas nas camadas mais desprotegidas da população. São milhares de famílias da periferia de Brasília que estão sentindo a crise de forma mais violenta. São os preços dos gêneros de primeira necessidade que sobem assustadoramente; é o fantasma do desemprego rondando os locais de trabalho; é a proletarização da classe média; são os batalhões de subempregados sendo engrossados a todos os instantes; é a marginalização crescente de uma população eminentemente jovem. Enfim, é a desgraça, é a descrença e o massacre dos sonhos.